



## O CACHORRO E O PORTÃO.

Sabemos que se remete aos primórdios de nossa existência a relação do homem com os animais, de nossos predadores a caças e, em diversos casos evoluímos e os domesticamos.

Muitos de nós temos ou tivemos, em algum momento de nossas vidas, animais domesticados. Meus irmãos e eu, quando adolescentes, tivemos gatos, cachorros e papagaio em nossa casa.

Por ter morado durante cinco anos em um sítio, pude proporcionar aos meus dois filhos a experiência do convívio e relação com animais, importante para o amadurecimento deles.

As relações entre homens e animais domesticados são de tamanha complexidade que podemos abordar nos contextos antropológico, econômico, sociológico, psicológico dentre outros tantos.

Fala-se com razão sobre os direitos dos animais, principalmente no que se refere aos maus tratos físicos. Acredito que nossa revolta seja por ser visível quando acontece. Desta feita nossa preocupação deveria ser exclusivamente neste aspecto físico? Nada mais?

Por gostar tanto de animais tive vários deles. Hoje, por gostar ainda mais, não tenho nenhum. Respeito e aceito quem pensa em contrário, porém em alguns casos isso me causa um profundo desconforto. Tipo o exemplo que darei em seguida, esperando que seja único.

Nosso vizinho tem um lindo cachorro da raça Golden Retriever, domesticado ao ponto de interagir com os muitos convidados dos seus donos, que frequentam regularmente este lar.

No início deste ano, os dois filhos adolescentes do casal (suponho que) foram estudar em outra cidade e só aparecem esporadicamente, assim como um homem que fazia às vezes de secretário do lar, bem como a parceira secretária, por algum motivo foram dispensados.

Uma residência com quatro titulares mais dois colaboradores, de um dia para outro, ficou vazia, tendo em vista que o casal sai cedinho para o trabalho deixando largado o dito cão.

No mesmo local físico ocorreu uma profunda mudança no ambiente deste animal, que antes tinha companhia permanente ao longo do dia e agora possui simplesmente nenhuma companhia.



Quantas palavras seriam necessárias para descrever e contextualizar a dor, traduzida em muitos latidos e choros deste melhor amigo do homem???

Em tudo devemos nos aperfeiçoar. Isso vale também para nossas relações com aqueles a quem julgamos inferiores, no caso os animais.

Um terço do tempo do meu trabalho hoje é em casa, o suficiente para concluir acerca do abandono deste animal. Quando digo abandono, refiro-me ao mesmo ficar sem companhia.

Durante horas este lindo cachorro expressa seu descontentamento via latidos, choro e "esmurradas" no portão de alumínio. Sua atitude agressiva revela a angústia pela solidão.

Com mímicas e acenos ridículos, tento vez ou outra, de minha pequena varanda, distraí-lo. Seu olhar suplicante me chama para brincar. Impossível, pois somos vizinhos e não amigos.

A cega paixão por animais pode nos levar a bloquear principalmente a sensatez e a razão. Prova disso é que minha Katia abordou por três vezes nossos vizinhos para tentar colocá-los a par da situação, sem sucesso.

Como posso aceitar que os donos de um animal o façam latir diariamente durante horas diante de um portão, sob o sol a pique, e isso não os incomode?

Mesmo o animal não sendo meu, meu coração gela quando meu olhar cruza com os olhos deste cachorro, tal a sensação de sofrimento do mesmo. É justo?

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA